P. 134

SERMÃO
NO FELIZ NASCIMENTO DO
PRINCIPE
DA BEIRA
AO EXCELLENTISSIMO SENHOR
PAULO DE CARVALHO
DE MENDONÇA,

Do Conſelho de S Mageſtade, e da Rainha N. S. Védor da Real Fazenda, Eſtado, e Preſidente do Conſelho da meſma Senhora, do Geral do Santo Officio, Provedor, e Adminiſtrador das Capellas dos Senhores Reis D. João IV, ſua mulher Dona Beatriz, Rainha Dona Catharina, e Infante D. Luiz, e nas terras das referidas Capellas com juriſdicção privativa, civil, e crime, Commiſſario Geral Apoſtolico da Bulla da Santa Cruzada, e D. Prior da Collegiada de N. S. da Oliveira de Guimarães, &c.

Foi prégado no Real Moſteiro de S. Bernardo de Portalegre pelo M. R. P. M. Doutor

Fr. CAETANO DE SAMPAIO,

Oppoſitor ás Cadeiras de Theologia na Univerſidade de Coimbra, Monge, e Viſitador Geral da Congregação de S. Bernardo,

He offerecido por

Fr. MANOEL DE MENDONÇA,

D. Abbade do Real Moſteiro de N. S. do Deſterro.

LISBOA,
Na Officina de MIGUEL MANESCAL DA COSTA,
Impreſſor do Santo Officio. Anno 1762.
Com as licenças neceſſarias.

1
E16

LA
252.02
S192a

LA
18
83

EXC.MO SENHOR.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

EU tenho a honra de fazer imprimir, e dedicar a V. Excellencia eſte Sermão, que ha poucos dias me mandárão. Delle a materia he ſem dú-

vi-

2
E16

da a V. Excellencia tão agradavel, como bem manifeſtárão as diſtinctas provas, com que V. Excellencia fez evidente ao público hum particulariſſimo goſto no feliz Naſcimento do Principe da Beira. O merecimento deſta Obra ſupponho não a fará indigna da protecção de V. Excellencia, em quem os bons Eccleſiaſticos doutos encontrão hum perfeito exemplo, e favor conſtante. As minhas obrigações me conduzem indiſpenſavelmente a procurar a V. Excellencia neſta acção: já que em mim não ha que offerecer, eu levo á preſença de V. Excellencia huma producção do M. R. P. M. D. Fr. Caetano de Sampaio, meu Meſtre, fazendo ao menos a lembrança, e o deſejo proprio, ainda que a offerta alheia. Eſpero que na aceitação de V. Excellencia tenha

ella

ella a ventura, que pertende. Deos gu. de a V. Excellencia entre as mai res, contínuas felicidades. N. Senhora do Des- terro 23 de Fevereiro de 1762.

De V. Excellencia

Servo fiel, e obedientissimo

Fr. Manoel de Mendonça.

Car-

3
E16

Carta, que com eſte Sermão mandou a quem o faz imprimir hum ſeu Collega.

S.R Fr. MANOEL DE MENDONÇA.

DOU a V. a noticia, e ſem envergonhar-me o digo, de que fiz hum grande furto: nelle não teve parte a culpa, ſim o entender eu que a ſua precioſa materia ſó roubada poderia contribuir a utilidade do público. Como os particulares devemos de juſtiça concorrer para o bem commum, nenhum eſcrupulo me afflige de haver injuriado alguem com eſta ac-

acção. Ella, bem longe de eſcurecer-me o credito, julgo que ſerá para mim muito glorioſa, ſe chega a fazer-ſe notorio que eu fui o ſeu Author. Já V. eſtá vendo qual foſſe neſta empreza o meu animo: agora em declarar o ſogeito roubado, e em dizer a qualidade do furto, creio que não ſó ficarei deſculpado, ſenão tambem digno de algum louvor no conceito de V. em quem, por certa paridade de razões, contemplo que haverá ſentimentos neſte ponto muito ſemelhantes aos que paſsão no meu interior. O ſogeito he o Doutor Fr. Caetano de Sampaio, Viſitador Geral da noſſa Congregação. Nós o conhecemos bem, por elle ter ſido meu Meſtre, e Meſtre de V. A materia do furto he a Oração, que a V. envio com eſta carta, e que o noſſo Meſtre recitou no dia quatro de Outubro do anno paſſado, em acção de graças pelo feliz naſcimento do Sereniſſimo Principe da Beira, na Igreja das Religioſas de S. Bernardo de Portalegre, eſtando preſente grande parte da Nobreza, Clero, e povo daquella Cidade. A eſte tão digno fim o havião chamado poucos dias antes a Dona Abbadeſſa, e Communidade daquelle Regio Moſteiro, que ſeguindo os reſpeitaveis exemplos da ſua Cabeça, o famoſo Moſteiro de [illegible]baça, pertendia diſtinguir-ſe com louvavel [illegible]ulação nas grandes demonſtrações de jubilo, [illegible] neſte tempo erão continuas, como V. não ignora, entre os habitantes de todas as mais Ca-

ſas

4
E16

ſas da noſſa Congregação. Eu ſei que muitas peſſoas de bom goſto, e de boa authoridade ſe tem empenhado em perſuadir ao P. M. Fr. Caetano de Sampaio, mas ſem o fruto, que todos deſejavamos, para que queira dar ao público eſta ſua engenhoſa producção; e como não poſſo conformar o meu juizo aos fundamentos da ſua ſempre conſtante reſiſtencia, neſte particular tomei a licença, que elle não devia negar-me juſtamente, para mandar tirar eſſa copia. Rogo a V. a leia com attenção; e depois de a haver lido, eſpero que V. terá a bondade, já que eſte deſerto eſtá tão longe das imprenſas, de ſatisfazer plenamente aos meus votos neſſa Corte. Niſto dará V. ao mundo huma idéa clara da grande veneração, que tem a ſeu Meſtre, do amor, que he bem arda no ſeu peito, reſpectivo ao luſtre da Congregação, de que he filho, e da fiel amizade, que eu proteſto dever a V. a quem ſempre farei certa a minha obediencia. Deos guarde a V. muitos annos. Ceiça, 18 de Janeiro de 1762.

De V.

Subdito, amigo, e ſervo obrigadiſſ.

* * *

A Do-

A' Domino factum eſt iſtud, & eſt mirabile in oculis noſtris... Exultemus, & lætemur... O' Domine, bene proſperare.

São palavras do Real Profeta no Pſal. 117.

DA mão de Deos, meus bons Portuguezes. (Muito alto, poderoſo Senhor, occulto Monarca Supremo, a quem a Mageſtade viſivel dos Reis Portuguezes tributou ſempre fiel adoraçõ̃es mui profundas, aceitai os votos, que agradecido, em lugar de rendidas vaſſallagens, quer que offereçamos em ſeu, e noſſo nome diante deſſe throno Joſé I. Fideliſſimo Reitenente deſta voſſa Monarquia. Se os recebeis, iſſo nos baſ-

5
E16

baſta para entendermos que he tambem voſſa a gloria deſte dia, que nos compete.) Da mão de Deos. E quem o duvidará, ſe ſó Deos póde ſer o principal Author de tudo o que he bom? Da mão de Deos nos veio o muito feliz, por largos annos, já com ancioſos deſejos ſuſpirado, Naſcimento do Sereniſſimo Principe da Beira o Senhor D. Joſé Franciſco Xavier de Paula Antonio Agoſtinho Anaſtaſio. Da mão de Deos recebem o Rei de Portugal, e Rainha noſſos Senhores, os Principes, os vaſſallos, e o Reino eſcolhido do meſmo Deos eſta ſublime, e ſe póde ſer, mais que eximia felicidade, que a todos toca: *A' Domino factum eſt iſtud.* Os fauſtos aſsás plauſiveis auſpicios, de que myſterioſamente ſe vê acompanhar a ſua eſtimabiliſſima, tão deſejada poſſe, elles nos darão bem a conhecer pelos futuros, incomparaveis bens, que nos promette, quanto deva reputar-ſe grande entre as maiores a preſente felicidade. Sendo o beneficio conferido pela poderoſa, benevola mão de Deos, como deixará de ſer não ſó admiravel nos noſſos olhos: *Et eſt mirabile in oculis noſtris*, ſenão tambem, por multiplicadas razões, o mais util para todos nós?

Levantem-ſe pois muito embora ſobre ſi com jubilo á viſta de tão creſcida dita: levantem-ſe das paſſadas triſtezas os noſſos ainda mal convalecidos corações: expliquemos por tantas bocas, quantos

he

he bem que ſejão em final de agradecimento para Deos os louvores, em o exterior de repetidas, ſonoras, ajuſtadas vozes noſſa redundante alegria: *Exultemus, & lætemur.* Oh bom Deos! E ſe acabareis de proſperar agora na continuação de voſſas antigas, e ſempre novas miſericordias para com eſta Monarquia, que he toda voſſa, o goſto, de que huma vez principiaſtes a encher-nos os corações! o goſto, com que para obrigarmos mais, e movermos voſſa infinita clemencia, vimos hoje a eſte Templo render-vos em a Caſa de Bernardo voſſo grande amigo, e dos Reis de Portugal tambem, as devidas graças pelo favor eſpecial, que nos haveis feito! Enchei, Senhor, por Bernardo vos rogamos, enchei plenamente as noſſas eſperanças: confirmai o que ha obrado em nós hoje com admiração de quantos o vem, voſſa poderoſiſſima, bemfeitora mão: proſperai, proſperai, proſperai: *O' Domine, bene proſperare.* E com quanta certeza, meus Portuguezes, o confiamos da bondade interminavel daquelle amoroſiſſimo Senhor! Elle me ajude a moſtrar, que temos para iſſo fundamentos ſolidos, e mais razão. Se no [illegible]ar, que occupa dignamente o goſto, podem caber neſta hora as attenções, eſtai, ou ide attentos diſcorrendo comigo. Eu fallo em nome do Rei Fideliſſimo por boca do Profeta Rei.

6
E16

A Domino factum eſt iſtud, & eſt mirabile in oculis noſtris... Exultemus, & lætemur... O Domine, bene proſperare.

FAllo, e quaſi tudo o que exordindo tenho dito neſſas quatro palavras, em que ſe cifra todo o diſcurſo da preſente Gratulatoria, e juntamente Deprecatoria, conciſa Oração, he o que em ſi contém eſtas poucas palavras, que aſſumi por thema dos Pſalmos de David. Eu não ſei ſe as ſuas ſe dirigião ſó a fallar com Deos, e com os vaſſallos dos Reis de Iſrael naquelle tempo, ou ſe as proferio já o Santo Profeta, tendo por objecto, com os olhos nos ſucceſſos futuros do noſſo tempo, os vaſſallos dos Reis de Portugal tambem. Sabemos todos, iſſo ſim, que ſe equivoca muito hum Reino com outro Reino: aſſim o Reino de Portugal, como o Reino de Iſrael ambos forão, e ambos são, cada hum em ſua determinada differença de tempo, Reinos, entre todos os mais, eſcolhidos por Deos: nem niſto, quanto a mim, ha, ou deve haver queſtão. O que ſup poſto como certo, e indubitavel, olhai agora para o Reino, vaſſallos, e Rei de Portugal, e vellos-heis em parte, ſe não em tudo, nas meſmas, ou ſemelhantes circumſtancias, em que ſe achava com

com os ſeus vaſſallos, e com o ſeu Reino eſſe grande Rei de Iſrael, quando rompeo, e antes de romper, naquellas palavras, de que eu juſtamente uſei, para fallar hoje deſte lugar, á ſua imitação, em nome do Rei Fideliſſimo.

Naquelle tempo o eſtado de Iſrael havia ſido bem como o do noſſo Portugal neſte, em que nos achavamos ha poucos dias o mais calamitoſo, já pelas inquietações, que cauſárão em todo o Reino os ambicioſos, malévolos perturbadores da paz; já pelas injuſtas, ſacrilegas violencias, que conſpirando contra a peſſoa do proprio Rei, lhe maquinárão, ſem attenderem ao ſagrado do ſeu alto reſpeito, falſos, traidores, aleivoſos, impios, crueis inimigos. Eu apenas deſcubro alguma differença entre eſtado, e eſtado. Se diſcorremos mais individualmente ſobre as cauſas, que os fizerão aſſim deploraveis no Reino de Iſrael, conſta-nos haver ſido nelle a cega ambição de hum preverſo, ingrato Saul a que originou todos eſſes monſtruoſos abſurdos, que a cada paſſo ſe encontravão, com eſcandalo univerſal dos povos: e em Portugal bem ſe ſabe que tiverão principio as ſuas deſordens na ſoberba execranda de poucos, de poucos (e com que alentos acabarei de pronunciallo!) infieis Portuguezes. Só o demonio póde fazer ſentir no coração do homem inſpirações, que o induzão a maldades tão enormes. Em fim eſqueceo-ſe Saul de

516

de que as ſuas deſobediencias havião obrigado ao meſmo Deos, que antes o eſcolhêra para Rei, a que o reprovaſſe depois por indigno de ſuſtentar a coroa, que lhe dera; eſqueceo-ſe dos innumeraveis beneficios, que devia a David, e até chegou a eſquecer-ſe de ſi meſmo, das obrigações de illuſtre, com que naſceo, e de Iſraelita. Agora vereis que não he neceſſario variar muito com o pincel as cores da imagem, para que eſta ſirva de retrato proprio a eſſes infelices, que nem já merecem o nome de Portuguezes. Elles moſtrárão bem quanto eſtavão empenhados a eſcurecer com os fumos horrendos das ſuas acções a fama do nome Portuguez, de hum nome, que cuſtou tantos ſeculos de trabalhos a fazer-ſe celebre por eſclarecido em todo o mundo.

Neſta laſtimoſa, fatal conturbação, em que ſe lamentava hum, e outro Reino, os verdadeiros Iſraelitas acompanhavão ſempre magoados a David nos trabalhos, que o perſeguião; e os bons Portuguezes diſtinguião-ſe dos poucos, que o não erão em aſſiſtirem fielmente ao ſeu Rei nos contratempos da fortuna adverſa. Todos igualmente andavão conſternados, afflictos todos, humas vezes com horror dos males, que vião, outras na conſideração de que até eſtavão em perigo de perderem o bem, que ainda logravão ſó na eſperança: em huma palavra, aſſim para os Iſraelitas, co-

como para os Portuguezes, o ſeu principal cuidado era a precioſa vida do ſeu natural, legitimo, e por Deos dado Monarca: o vello triunfar dos inimigos, que arrojada, temerariamente ſe lhe oppunhão. Verem com os ſeus olhos eſtabelecido com permanencia o Real Sceptro na Auguſtiſſima Caſa de ſeu bem amado Rei, eſſe era o frequente emprego dos ſeus deſejos, que a cada paſſo encontravão notaveis oppoſições de melancolicos peníamentos. A incerteza, em que vivião de virem a lograr ſeguros com a feliz izenção de tantos males a poſſe deſtes appetecidos bens, era para elles o trocedor maior, que lhes apertava por amante entre tantas deſconſolações a ſua alma: era mais que dor, era tormento ſem igual, era morte, era hum inferno: *Fortis eſt, ut mors dilectio, & dura ſicut infernus emulatio*, diſſe Salamão, eſſe, que entre os Reis de Iſrael foi o Rei mais ſabio; e tambem nós por experiencia propria com os daquelle afflicto povo podiamos dizer juſtamente o meſmo.

Mas voltemos, que já he tempo, voltemos ao theatro a ſcena. Dizei-me: Que vedes ao depois em Iſrael, e em Portugal que he o que obſervais agora? Que feſtivos clamores, que retumbantes écos, que contentamentos alvoroçados pelas praças, pelos campos, pelas ruas, em as caſas, e no interior dos Templos? Em fim que nem em Por-

E16

Portugal ſe divisão hoje ſenão evidentes ſinaes de goſto, nem no Reino de Iſrael ſe deixão ver já mais do que ſemblantes alegres tudo. Todos agradecidos louvão a Deos pela felicidade preſente, que alcançção: todos adorando, o deprecão pelas futuras, que eſperão conſeguir ainda, confiados na bondade do meſmo Deos: os Iſraelitas com David; e com ſeu Fideliſſimo Rei o Senhor D. Joſé I. ſeus bons, leaes vaſſallos os Portuguezes. E quem enxugou a Portugal tantas lagrimas? Quem conſolou na ſua afflicção os de Iſrael? Quem foi a cauſa de tão oppoſtas, repentinas mudanças? E que motivo houve para converter de huma para outra hora o pranto em alegria? para trocar em concordes, alternadas conſonancias n'hum inſtante a deſordem? A cauſa de tanto bem foi Deos: *A Domino factum eſt iſtud.* Elle, e ſó elle, para fallarmos no eſtylo do grande Apoſtolo, e Doutor das gentes, he o Deos de toda a conſolação: elle o que em verdade coſtuma conſolar-nos nas noſſas maiores tribulações. E nós não o experimentamos?

Qual foſſe o motivo, já vemos que he da voſſa curioſidade ouvillo, e que ſerá tambem do meu empenho fazello manifeſto, para acabar de declarar-vos bem o aſſumpto, todo o ponto. Mas em Portugal! Quem duvída que o motivo dos ſeus jubilos he o applaudido, feliz Naſcimento do Se-

re-

reniſſimo Principe da Beira? Aſſim ſerá como dizeis, nem eu o nego, digo que ſim; mas não he ſó o que vós cuidais, maior força que as da natureza arrebata os corações dos Portuguezes neſta hora. Eſſa tão notavel, inſolita transformação, em que vemos ao noſſo Reino, denota terem occulto myſterio os ſeus principios. Vede bem o que digo; e ſe a eſte reſpeito quereis conceber quanto eu penſo, informai-vos primeiro com os Iſraelitas ſobre as venturoſas conſequencias, que ſe ſeguírão aos extraordinarios alvoroços, em que os poz a felicidade do ſeu Monarca, o goſto de o verem, e a toda a Familia Real, alegre, e cheio de prazer. Elles vos dirão ſem dúvida, que tudo aſſim como eſperavão, (os que eſperavão bem) lhes viera a ſucceder depois. Dirvos-hão, que o Rei neſſa hora principiára a ſer feliz, e que os vaſſallos começárão logo a ter boa ordem, e harmonia entre ſi. Em fim, que dahi entrára a paz no Reino, ſem que já mais faltaſſe a ſucceſsão na Real Caſa de David.

E o que eu vos diſſera, ſe, como os Profetas, tiveſſe para ver mais que olhos de lince, ſeria por ventura, que eſſes proſperos, futuros ſucceſſos, que parece lhes vaticinava o coração na ſua alegria aos Iſraelitas, he tambem, proporcionalmente fallando, o que nos diz o coração, que o preſente feliz Naſcimento, ſuppoſto ſer tão exceſ-

9
E16

ſivo o goſto, que á viſta delle percebem os corações do Rei Fideliſſimo, e Rainha noſſos Senhores, dos Principes, e dos vaſſallos, prognoſtica ao noſſo Portugal? Seria dizer-vos, que o objecto dos vivas, e communs applauſos deſte dia, quando a elle nos move, he, conforme parece acontecia no actual motivo daquelle ſeu grande prazer aos Iſraelitas, hum como inſtrumento de outra ſuperior mão? Seria dizer, que elle obra produzindo com huma quaſi occulta, Divina força dentro em noſſos corações a eſperança mais firme, e certa de que até o fim do mundo, para luz de todo eſte, hão de ver eſſes Reaes, luminoſos Aſtros, que nos illuſtrão, copioſamente propagados na ſua eſclarecida Deſcendencia, e em boa paz dos noſſos tempos, os raios, com que hoje brilhão na propria eſféra de todo o ſeu Reino? Seria, que a meſma ſobrenatural eſperança he a que reduplíca, como eſpecial dom da mão de Deos, ſobre o motivo, para fazer avultar hoje tanto o noſſo goſto?

Tudo iſto talvez, e ainda muito mais, vos diria. Com eu não ſer Profeta, confeſſo-vos, que eſtes são pelo menos os ſentimentos da minha conjectura propriamente. Oh! e com quanta razão! Iſrael povo amado de Deos: Portugal Reino por Deos para ſi tambem eſcolhido. E as identicas circumſtancias, que vemos em quanto aos effeitos da

deſ-

deſconſolação, e alegria na ponderada deſgraça, e felicidade de hum, e outro Reino? Sei não faltará quem me reſponda, que em ordem aos Iſraelitas, bem ſe entende foſſe a mão de Deos a que movia nos ſeus corações para o goſto, com certeza do que eſtava para ſucceder ao depois, a ſua eſperança. Para iſſo, me dirão, baſta ſaber-ſe que Deos prometteo a David dar muita paz ao Reino de Iſrael; que na ſua Real Deſcendencia havia de eſtabelecer o throno do meſmo Reino; e que eſte throno ſeria firme, e permanente na ſua Caſa: tudo o Senhor mandou annunciar a David pelo ſeu Profeta Nathan. Não quero moleſtar-vos em referir o contexto da profecia, que ſe póde ver por todo o capitulo ſetimo do livro ſegundo dos Reis.

E para avivar a certeza da noſſa eſperança, não valerá de alguma couſa o teſtemunho de hum Rei, cujas brilhantes virtudes farão eternamente reſpeitaveis as memorias da ſua boa opinião entre os homens? Se não temos a noſſo favor Profecias Canonicas, nem Textos da Eſcritura Santa, temos em noſſo poder a Eſcritura, ou Juramento do Senhor D. Affonſo Henriques, primeiro Rei deſte Reino: conſerva-ſe no Arquivo Real do Moſteiro de Alcobaça, e eu a tenho ahi lido repetidas vezes. As letras daquelle eſtimabiliſſimo pergaminho, (digão os incredulos, amigos de novidades,

10
E16

o que diſſerem) ellas, depois das Sagradas Letras, são humas das que nos devem a maior fé. Depõe nelle com juramento o Senhor D. Affonſo Henriques, que Chriſto Senhor noſſo lhe promettêra eſtabelecer na ſua Peſſoa, e na de ſeus Deſcendentes o throno deſte Reino, que o meſmo Chriſto havia eſcolhido para ſi como proprio. São eſtas as terminantes formaes palavras, que teſtifica ſerem da boca de Chriſto a veracidade innegavel daquelle bom Rei: *Volo in te, & in ſemine tuo poſt te, Imperium mihi ſtabilire.*

Iſto baſtava, e creſcia para entendermos que Deos em o Naſcimento do Sereniſſimo Principe da Beira he o que nos confirma nas noſſas eſperanças, ao menos pelo que pertence á indefectivel ſucceſsão com o Sceptro, e Coroa de Portugal, que deſejamos perpetuada na Auguſtiſſima reinante Caſa de Bragança. Eu não ignoro que na noſſa Europa outras muitas bem eſclarecidas Familias tem a honra de trazerem a ſua origem do meſmo glorioſo Progenitor. Tambem Deos prometteo a Judas, filho do Patriarca Jacob, naquella tão celebre, como ſabida Profecia de ſeu pai, que o Sceptro de Rei não ſahiria da ſua Illuſtriſſima Tribu; e mais entre as innumeraveis Caſas, de que eſta venturoſa Tribu chegou a compôr-ſe, a que Deos eſcolheo para reinar em Judá, foi a de David. O meſmo digo eu da Auguſtiſſima Caſa de Bra-

Bragança em Portugal a reſpeito das mais, que nas ſuas arvores de geração vem a entroncar com ella no Senhor D. Affonſo Henriques. Não ſei ſe ſerão tão notados, como notaveis os termos, de que uſou Deos, quando fez aquellas promeſſas, de que já fallámos, ao Rei David: Será fiel a tua Caſa, e então o teu throno será firme com permanencia. Aſſim diſſe o Profeta Nathan, que Deos lho mandára intimar da ſua parte a David: *Hæc dicit Dominus exercituum: & fidelis erit domus tua, & thronus tuus erit firmus jugiter.*

Antigamente coſtumava Deos fallar-nos pelos ſeus Profetas; e hoje quem tem a primeira authoridade para nos fallar da parte de Deos, são os Oraculos do Vaticano. E não he bem notorio que os Pontifices Romanos derão o merecido titulo não ſó de Fieis, mas de Fideliſſimos aos Reis de Portugal, eſtando a Coroa deſte Reino na Auguſtiſſima Caſa de Bragança? Logo por que não diremos nós, que a permanente, perpetua ſucceſſão, e o Sceptro do Reino de Portugal promettido por Chriſto ao Senhor D. Affonſo Henriques para elle, e ſua Deſcendencia, eſtá tambem por força deſta promeſſa determinadamente vinculado, com exclusão de todas as mais Caſas, que são florecentes ramos daquelle tronco, á Auguſtiſſima Caſa de Bragança na Peſſoa do primeiro Rei, que naſceo com o titulo de Fideliſſimo em Portu-

11
E16

tugal, o Senhor D. Joſé, que Deos guarde, e na de ſeus Deſcendentes : *Et fidelis erit domus tua, & thronus tuus erit firmus jugiter*? Por que não diremos, que Deos lembrado deſta ſua promeſſa, quiz vivificar hoje as noſſas eſperanças, dando-nos em o Sereniſſimo Principe da Beira hum ſinal certo da ſua indeficiente palavra? Por que não diremos, que o Naſcimento deſte Principe ſim nos move para o preſente goſto os corações; mas que a mão de Deos he donde lhe vem todo o impulſo para fazer com que o meſmo goſto, tendo por objecto não ſó eſta, ſenão tambem as mais felicidades, que eſperamos, paſſando as balizas de ordinario, logre a natureza de exceſſivo?

Mas para nos certificarmos ainda mais em a noſſa prudente conjectura, examinemos qual foſſe a occaſião, e quaes os principios, donde quiz Deos que eſtiveſſem dependentes todas eſſas felicidades, em cuja eſperança certa parece que o meſmo Deos movia para aquelle ſeu grande goſto os corações dos Iſraelitas. Examinemos bem eſte ponto; e depois de o examinarmos, ſe chegamos a deſcubrir com effeito a favor da noſſa eſperança ſemelhante occaſião, e ſemelhantes principios, elles nos darão hum novo fundamento para inferirmos rectamente ſer de algum modo ſemelhante o motivo do noſſo goſto ao que tiverão para o ſeu os Iſraelitas, e o prognoſtico tambem de feli-

ci-

cidades mui parecidas ás ſuas. Demos deſde aquelle alegre tempo, em que até agora vamos contemplando aos meſmos Iſraelitas, dous paſſos atrás com a conſideração. Diſcorramos hum pouco ſobre os ſucceſſos ainda mais antigos deſte povo, e de caminho ide vós lá, ſe vos agrada, reflectindo comvoſco meſmo no que paſſa pelo noſſo Portugal. Vede o que ſuccedeo por direcção do grande Joſué em hum dia para Iſrael tão glorioſo, que nem antes, nem depois reconhecem os ſeus Annaes outro tamanho dia. Foi o caſo. Achava-ſe Gabahon, Cidade feudataria a Deos: (a Deos, digo, que Deos era naquelle tempo unicamente por conta de quem eſtava aſſiſtir, como Rei ao ſeu povo; e os Capitães, que elle eſcolhia para fazerem executar as determinações da ſua rectiſſima vontade, não erão entre os de Iſrael mais que huns puros Miniſtros de Deos) achava-ſe a Cidade de Gabahon accommettida em odio dos Iſraelitas por ſinco poderoſos Tyrannos, cujas tropas formavão hum groſſiſſimo, formidavel corpo de exercito. O animo daquelles iniquos, mal intencionados homens, bem ſe deixa ver que ſeria, depois de expugnada a Cidade, e rendidos á violencia de ſuas armas os Gabahonitas, cortarem de hum univerſal golpe ao povo de Iſrael com as vidas o fio a todas as ſuas eſperanças. E aconteceo iſto aſſim, como o havião premeditado os inimigos de Joſué,

de

12.
E16

de Deos, e do ſeu povo? Não, antes o contrario he o que ſe vio. O povo de Deos foi o que ficou em paz, que em paz ſe póde dizer que fica quem vence: elle, mediante o poder de Deos, e o valor, e deſtreza dos ſeus Miniſtros, o que triunfou da oppoſição dos inimigos, vencendo-os, deſtruindo-os, acabando-os, até deixar-lhes ſuſpenſas em ſinco affrontoſos patibulos as miſeraveis cabeças, a que coroavão na eſtimação da ſua ſoberba outros tantos diademas: elle foi o que creſceo em numero, o que ſe augmentou cada dia mais em eſperanças, em felicidades, em Reis. Que me dizeis a eſta verdadeira hiſtoria, aſſim como o são todas as da Sagrada Eſcritura? Não he ella bem admiravel? E que me dizes tu, ó Portugal? Que he o que paſſa por ti tambem? Nós o ſabemos todos.

Mas, ah Joſué, Joſué, quanto vos deveo de Deos abaixo eſſe povo, a quem as acertadas diſpoſições do voſſo memoravel governo fizerão acclamar entre os ſeus vizinhos pelo mais venturoſo! Se Deos não déſſe áquelle povo para o governar em ſeu nome hum tão déſtro, alentado Capitão, haveria paz no povo, Reino já mais, ou Reis de Iſrael em Judá ao depois? He certo que a não tranſcendermos com o penſamento a ordem da preſente providencia, parece que com o povo ſe acabaria juntamente n'huma hora a paz, o Reino,

e a

e a eſperança de ſucceſsão na Tribu de Judá, e Caſa de David. Logo, (deixai-me tirar deſtas permiſſas duas conſequencias agora) logo Joſué foi a occaſião de quantas felicidades vierão depois a lograr, como eſperavão, os Iſraelitas. Eis-ahi a primeira conſequencia: vamos á ſegunda. Logo o principio, a origem, e o feliz preſagio de todas eſſas felicidades conſiſtio nas glorioſas circumſtancias, que fizerão grande aquelle bom dia, que Deos nos tempos de Joſué deo ao ſeu povo. Nem vós podereis deixar de conceder huma, e outra illação, nem a mim por ora me he neceſſario ſaber mais. Dobremos aqui por hum breve eſpaço a folha.

E como he certo dependerem os intereſſes de qualquer Monarquia de que ſejão creados por huma eleição do Ceo os Miniſtros do ſeu governo! Se Deos não houvera favorecido tantas vezes por meio de miniſterios dados, e allumiados por elle meſmo a Portugal, que ſeria de nós? Não ſei o que vos diga neſte ponto. Sempre o Senhor dos exercitos nos noſſos maiores apertos deo homens mui grandes a Portugal: aſſim como praticava frequentemente com o ſeu povo, aſſim uſa com os Portuguezes. Lede a Hiſtoria Sagrada, e lede tambem as Hiſtorias de Portugal. Sempre Deos auxiliou com extraordinarias, milagroſas providencias a eſte ſeu Reino. Eu chamo a Portugal

13
E16

Reino de Deos, Reino com eſpecialidade ſeu: já ſabeis a razão. Todos os Reinos são de Deos: Deos, e ſó Deos he o abſoluto, independente Monarca dos Imperios; mas a reſpeito de Portugal, por modo ſingulariſſimo. Os noſſos inclytos Monarcas, ſendo Reis como os mais Reis, logrão huma prerogativa, que a nenhum outro Rei he concedida. Elles são no ſeu Reino huns como Vigarios de Chriſto na razão de Reis, (não ſe dá mais honorifica preeminencia!) e Jeſus Chriſto he o noſſo principal Soberano. Quem hoje viſivel felizmente ſuas vezes faz na Coroa de Portugal, ſabemos que he o noſſo Auguſtiſſimo Senhor D. Joſé I. mas Chriſto o que dirige para os acertos em todo o caſo as diſpoſições do governo. Por iſſo os Miniſtros, de que Sua Mageſtade Fideliſſima ſe ſerve, (deixai-me dizer livremente o que entendo) porque elles são eſcolhidos por Deos, porque Deos he com tanta eſpecialidade o que os aſſiſte, por iſſo podemos affirmar com juſta cauſa, que elles são verdadeiramente os Joſués dos noſſos tempos. Ninguem o duvide. Eu quizera dever-vos, que conferiſſeis com vagar os ſucceſſos, que haveis alcançado em Portugal no tempo preſente com os que fizerão tão eſclarecidas no tempo da Lei eſcrita as memorias, que deixou de ſi á poſteridade hum Joſué. E que ſemelhantes os contemplamos! Não diſcorreis vós daquelles meſ-

mos

mos ſucceſſos, que fora Joſué a occaſião de todas as felicidades, que veio depois a experimentar na poſſe, conformes á ſua eſperança, o povo de Deos? E que me dizeis ao Reino eſcolhido de Jeſus Chriſto? Haverá nelle algum Joſué, cujas heroicas, famigeradas acções poſsão contribuir hoje a confirmar-nos em a certeza de que Deos he principalte o que move com a noſſa eſperança os extremoſos exceſſos do noſſo goſto? Eu me quero liſonjear na perſuasão racionavel, de que aſſim o havereis entendido comigo. Paſſemos adiante.

As circumſtancias, que fazem grande o dia, em que naſceo o Sereniſſimo Principe da Beira: (ſem nos ſentirmos, vamos já tocando com o diſcurſo a ſegunda conſequencia, que eu tirava da hiſtoria do famoſo Joſué: ella era, que as glorioſas circumſtancias, que fizerão grande aquelle dia, que Deos nos tempos de Joſué deo ao ſeu povo, forão o principio, a origem, e o preſagio de todas as felicidades, que eſperavão os Iſraelitas; e o que eu vos hia dizendo, he o que agora continuarei) as circumſtancias, que fazem grande o dia, em que naſceo o Sereniſſimo Principe da Beira, tenho para mim não ſerem menos glorioſas para Portugal, do que forão para os de Iſrael as que derão nome áquelle ſeu grande dia. O meſmo Deos, que então fez mimoſo com hum dia de tanta gloria ao ſeu povo amado, foi o que quiz con-

14
E16

conſolar hoje a eſte ſeu eſcolhido Reino, dando-lhe outro dia igualmente a todas as luzes admiravel: *A Domino factum eſt iſtud, & eſt mirabile in oculis noſtris.*

Se quereis acabar de admirar-vos, eu vos convido, para que ponhais os voſſos olhos com toda a attenção em hum, e outro dia. Dizei-me agora: Que circumſtancias vos parece ſerião as que fizerão grande eſſe tão decantado dia de Iſrael? E quaes as que concorrem para formar a grandeza de hum dia, que principiando a ſer feliz com o Naſcimento do Sereniſſimo Principe da Beira ha quarenta e ſinco dias, ainda hoje dura, e durará ſempre para o goſto em Portugal? No povo de Deos ſabe-ſe que os Iſraelitas obſervárão deſde os ſeus acampamentos huns fenomenos maravilhoſos neſſas eſféras Celeſtes: e eu digo, que iſto meſmo, e nada menos, he o que ſe vê hoje no Reino eſcolhido de Jeſus Chriſto. Viſtes com os de Iſrael eſtar ſuſpenſo por muito tempo no meio do Ceo a hum Sol? Talvez vos pareceria nelle deſcuido em cumprir as obrigações de Sol, o que na verdade era firmeza em o propoſito de favorecer aquelles homens: *Stetit itaque Sol in medio Cœli.* Viſtes mais hum Sol junto com huma Lua tambem no meſmo Ceo, ſem ſe moverem, nem mudarem? Aſſim foi, como viſtes: *Steteruntque Sol, & Luna.* Ahi tendes as glorioſas circumſtancias,

cias, que entre os Iſraelitas concorrêrão para a producção de hum dia, cuja eſtremada grandeza para elles o fez valer por muitos dias. A conjunção benigna, e nova poſitura deſtes Aſtros, foi ſem dúvida a que appellidou grande para o povo de Iſrael aquelle dia: e elles com ſeus beneficos influxos forão os que ſegurárão aos Iſraelitas a boa paz, que logo vierão a experimentar, quando triunfantes: e com a paz, e propria conſervação, a da ſua eſperança foi cada dia em augmento com maior força: em fim, que aquelle foi o feliz preſagio de todas as proſperidades, que como eſperavão vierão a lograr na poſſe por experiencia com o tempo os Iſraelitas.

E em Portugal que he o que vem os noſſos olhos? Parece que não podem ver hoje couſa, que mais plena, cabalmente os ſatisfaça, do que o ſeu Sereniſſimo Principe recem-naſcido: elle he o meſmo Sol, que illuſtra com o luzido reſplandor de ſeus raios todo o noſſo emisfério: elle o que fórma com o engraçado turbilhão de ſuas bellas luzes toda a grandeza do preſente dia. E como ſerião luzidos os principios deſte principio, os principios, que concorrendo para o feliz Naſcimento deſte reſplandecente Sol, concorrem tambem de algum modo para a luſtroſa formação de hum tão alegre dia! Não ſei ſe o goſto, com que os contemplo, me dará lugar a dizer-vos quaes elles foſſem: hum

15
E16

hum Sol, e mais outro Sol; hum Sol, e mais outro Sol junto com huma Lua todos mui firmes, e em boa harmonia no meſmo Ceo. Ainda não acabão de o deſcubrir bem os voſſos olhos? Sahi, ſahi com o penſamento deſte lugar, e fazei-vos preſentes comigo de hum voo nas Caſas deſſes Auguſtos Planetas, que governão os noſſos tempos em Portugal. Não vedes alli brilhar hum Sol mui ſeguro no Ceo, ou no Solio da ſua Monarquia? Olhai para o Rei Fideliſſimo o Senhor D. Joſé I. quanto mais ſuſpenſo, mais firme, mais ſeguro, mais benevolo. E a Sereniſſima Princeza do Brazil ſua Filha? Eſta Princeza não he hum perfeito eſpelho, que o repreſenta bem, ou em q em ſe multiplica por direito da geração o meſmo Sol de ſeu Auguſtiſſimo Pai, que ella exprime? A Lua huma vez que paſſou para a Caſa do Sol, ahi a tendes tambem neſſe Ceo ſem ſe lhe conhecerem defeitos, nem mudanças, transformada já no ſeu Sol pela conjunção, em que ſe acha: he o Senhor Infante D. Pedro no contrahido conſorcio com a meſma Sereniſſima Princeza ſua adorada Eſpoſa: *Erunt duo in carne una.* E não he hum feliz producto deſte Auguſtiſſimo, Catholico Conſorcio o dia preſente, ou o Naſcimento do Sereniſſimo Principe da Beira, que o conſtitue tão agradavel aos noſſos olhos? Que concorreſſe tambem não ſó voluntaria, mas natural, ainda que remotamente

pa-

para eſta Regia producção o noſſo Excelſo, nunca mais ditoſo Monarca, iſſo he innegavel para quem não ignora os principios da boa Filoſofia.

Tendes viſto bem? E que vos parece? Eſtaremos na Corte de Portugal, ou debaixo das vencedoras, triunfantes bandeiras de Joſué nos glorioſos arraiaes dos Hebreos? A occaſião, e as circumſtancias, que fizerão grande, ſem primeiro, nem ſegundo, para os de Iſrael aquelle dia, são as que ſe obſervão no dia de hoje em Portugal. A ſituação dos Aſtros influentes, não tem differença. As viſtas de hum, e outro lugar, são as meſmas. E o noſſo prognoſtico para o futuro qual ſerá? O que eu vou ſuppondo, e mais provando deſde o principio, e o que agora tornarei a dizer, e repetir-vos de novo com empenho maior, para que o leveis bem na memoria. O meſmo, (fallando com a devida proporção) que verificárão os poſteriores ſucceſſos dos Iſraelitas: o que elles principiárão a experimentar no tempo de Joſué: o que vírão ſeguir-ſe em os de David, e depois: proſperidades ſem conto: entre ellas particularmente muita paz no Reino: permanente ſucceſsão com o Sceptro, e Coroa de Portugal na Auguſtiſſima reinante Caſa de Bragança até o fim do mundo. Iſto he o que nos diz, movido da mão de Deos, com a eſperança para o preſente goſto, o noſſo coração. Eu aſſim o conjecturo: da felicidade, em que

Por-

Portugal ſe vê na poſſe: do applauſo, com que a ſua noticia univerſalmente foi recebida pelos Portuguezes: da ſatisfação do Rei Fideliſſimo, e Rainha noſſos Senhores, dos Principes, e dos vaſſallos: do prazer, do jubilo de todos: da promeſſa de Chriſto ao Senhor D. Affonſo Henriques: da occaſião, e das circumſtancias, ou principios influentes na grandeza do preſente dia. E a Eſtrella de Bernardo!

Valha-me Deos! que aſſim me tenho deſcuidado do que parece me eſtava mais á mão! Já vos ſupponho bem inſtruidos de que huma luzida, reſplandecente Eſtrella foi a eſpecioſa fórma, em que meu Mellifluo Pai S. Bernardo aſſiſtio em certa occaſião a ſeu muito prezado Primo o Senhor D. Affonſo Henriques. Vio-ſe eſte prodigio em Portugal, quando Bernardo, que eſtava em França, havia apparecido ao meſmo tempo na noſſa Provincia da Eſtremadura. Succedeo o caſo depois que o Santo Padre amoroſamente fallára com aquelle invictiſſimo Rei: depois que lhe apertára a mão, ſegurando-lhe felicidades, e ſe auſentára delle. E que diria quem contemplaſſe agora bem nos ſignificantes accidentes deſte raro, tão ſingular acontecimento? Quem olhaſſe hum pouco ſem paixão para o diſtincto amor, que deveo a Bernardo o primeiro Rei deſte Reino? Oh! e ſe ſoubeſſe avaliar dignamente o empenho, com que trabalhou o San-

o Santo para eſtabelecer nelle, e ſeus venturoſos Deſcendentes com a paz de ſeus Dominios a Coroa de Portugal! Não diria que aquella myſterioſa Eſtrella já neſſe tempo eſtava prognoſticando eſta felicidade, que hoje tem cheio de hum quaſi immenſo jubilo ao noſſo Portugal? Acaſo deixaria de attribuir aos influxos da meſma Eſtrella não ſó a felicidade, que logramos de preſente, mas ainda os inextimaveis bens, que com tanto fundamento, como tenho moſtrado, eſperamos conſeguir para o futuro da mão do Senhor? Sempre influirão beneficamente as Eſtrellas: ſempre forão feliz prognoſtico das maiores proſperidades.

O que eu poſſo dizer, he que em muitas ſe repreſentou ao Patriarca Abrahão a numeroſa Deſcendencia, que Deos lhe promettêra, e que huma Eſtrella fora a imagem mais propria, em que o Profeta Balaão vio retratado mui anticipadamente o Naſcimento de hum belliſſimo, por todos os caminhos admiravel Principe: de hum Principe, que havia de vir depois ao mundo para gloria de Jacob ſeu Pai: de hum Principe dado por Deos para dominar o univerſo, para credito immortal de ſeu povo eſcolhido: de hum Principe, cujo vaſtiſſimo Imperio não acabaria com o tempo, nem a paz nos ſeus Eſtados: de hum Principe Conſolador, verdadeiramente Pai dos vaſſallos: de hum Principe em fim completo, tão proſpero na conducta

17
E16

do ſeu governo, que até (talvez para dar-nos delle alguma idéa) ordenou o Ceo, que foſſem as meſmas Eſtrellas as que o manifeſtaſſem ao mundo. Nós ſabemos que he Chriſto eſte Principe incomparavel, de que fallamos. Huma Eſtrella ouviſtes que o deo a conhecer muito antes do ſeu Naſcimento, como futuro legitimo Deſcendente de Jacob: e huma Eſtrella foi tambem a que o publicou naſcido em Belém: em Belém, digo, e não em Jeruſalem, que havia ſervido de patria venturoſa a muitos de ſeus altos progenitores: ainda que naſcia Principe, não eſcolheo para berço a Corte de Jeruſalem, nem dentro na Cidade de Belém quiz naſcer: nos ſuburbios he que naſceo eſte grande Principe.

A mim não me paſſa pelo penſamento fazer parallelo agora de hum Principe, que he Deos, poſto que homem juntamente, para outro Principe, que não ſeja Divino, por mais que o conſideremos predeſtinado para ſervir de Vice-Deos entre os homens; lembra-me ſim que deixo ponderado ſer Portugal hum Reino não menos que o de Iſrael, eſcolhido por Deos, e que os Monarcas Portuguezes cingem na cabeça a Coroa de Reis em Portugal, ſubſtituindo-ſe no lugar de Jeſus Chriſto. Advirto mais em que o Senhor D. Affonſo Henriques foi o Jacob, que Deos eſcolheo para dar o ſer a eſte ſeu povo, para prover nelle, e ſua

e ſua Real Deſcendencia quem governaſſe em nome de Chriſto ao Reino de Portugal. E depois deſta lembrança, depois deſta particular reflexão, que juizo hei de formar de hum Principe dado por Deos a hum povo, que he de Deos tambem, a hum Reino, onde as figuras vivas de Chriſto são tantas, quantos ſe vem nelle Reis, que o dominão? De hum Principe Deſcendente Preclariſſimo do Senhor D. Affonſo Henriques? De hum Principe, que vimos naſcer por altiſſimas diſpoſições do Ceo nas vizinhanças de Belém? Quem ſabe ſe a eſte fim quiz Deos que precedeſſe hum terremoto formidavel em Portugal? Hum terremoto, que arruinaſſe a ſoberba, famoſa Cidade de Lisboa, para que o Sereniſſimo Principe da Beira não naſceſſe naquella Corte, bem que ella ditoſamente houveſſe ſido a patria commua de ſeus Auguſtiſſimos Pais, e Avôs, para que o viſſemos naſcer junto a Belém?

Que idéa poſſo eu conceber, que exprima o caracter deſte Principe ao juſto? que nos dê alguma noticia dos bens, que promette a Portugal o ſeu feliz Naſcimento? Ser-me-ha licito conjecturar, que elle ſahio á luz para honra eterna da Nação Portugueza, e para deſempenho do Inclyto Jacob Luſitano ſeu Pai? para dilatar o Imperio, que como proprio eſtabeleceo Chriſto em Affonſo I. de Portugal? para o conſervar na fortaleza de ſeu braço,

18
E16

e no alentado brio de ſeus filhos, e netos, dominante até o fim dos ſeculos em todas as quatro partes do mundo? para que vivão entre ſi alegre, conſolada, pacificamente os Portuguezes? para que venhão a ter nelle quem os reja, e os defenda com as ſoberanias de Principe, e achem amor de Pai ao meſmo tempo para os tratar, para os ouvir, e para os favorecer como filhos? Os ſinaes, com que naſceo o Sereniſſimo Principe da Beira, a ſua Eſtrella, tudo iſto nos dão a entender. Já tendes viſto os ſinaes, rogo-vos que obſerveis bem a Eſtrella. Olhai para eſſe flammante Aſtro, que aſſiſte fielmente ao Senhor D. Affonſo Henriques. Que ſentís a reſpeito da ſua grandeza, da ſua formoſura? do ſeu preſagiar em que fórma diſcorreis? Será na realidade a meſma Eſtrella de Jacob, que vio o Profeta Balaão? Prognoſticará a Portugal venturas iguaes ás que logrou o povo de Iſrael a influxos deſſa Eſtrella? Não he a Eſtrella de Jacob: com ella mui parecida, por ſer de Affonſo I. iſſo ſim: era Bernardo em figura de Eſtrella. As felicidades, que nos prognoſtica não são individualmente as meſmas, que ſe repreſentavão na Eſtrella de Jacob? Mas quem poderá negar-lhe as ſemelhanças? He o que Bernardo ſegurava a ſeu Primo. Elle ſegurava-lhe felicidades conducentes ao verificativo do que Chriſto por ſua interceſsão lhe prometteo no Campo de Ourique: e Chriſto pro-

prometteo ao Senhor D. Affonſo Henriques o que diz o ſentido da letra: *Volo in te, & in ſemine tuo poſt te, Imperium mihi ſtabilire.* Já diſcorremos ſobre elle. Agora tornai a ver a meſma Eſtrella indicando determinadamente o Naſcimento do Sereniſſimo Principe da Beira.

Quando naſce eſte Principe, não advertís que o Rei Fideliſſimo, e toda a Familia Real contemplão nas perfeições de hum Anjo, bem ſemelhante áquelle, que formando de certa porção etherea huma Eſtrella, moſtrava naſcido em Belém de Judá aos Reis do Oriente o verdadeiro Rei de Iſrael? Obſervão religioſamente os cultos de Bernardo, a quem a Igreja dá o titulo de Eſtrella reſplandecente na Caſa de Deos, os noſſos Auguſtiſſimos Monarcas: e então, logo no meſmo dia, he que vírão naſcer junto a Belém de Portugal ao noſſo ſuſpirado Principe, ſeu legitimo Succeſſor. Diſſe no meſmo dia; e diſſe bem; eſtando pela natureza dos dias ordinarios naſceo o Sereniſſimo Principe da Beira no dia ſeguinte ao dia de S. Bernardo; mas os dias, que como eſte grande dia são obra eſpecial da mão de Deos, ſempre forão dias maiores que os mais: elles principião na veſpera, e acabão no dia: *Factum eſt veſpere, & mane dies unus.*

Em fim, que naſceo eſte feliciſſimo Principe em dia de S. Bernardo! E que boa Eſtrella teve

no

19
E16

no ſeu Naſcimento, e ainda antes de naſcer! Foi o patrocinio de Bernardo: já no tempo do Senhor D. Affonſo Henriques, e dahi até os noſſos tempos, creio que nos eſteve prognoſticando eſta felicidade, que hoje logramos, e que ella ſerá tal para nós, qual a repreſenta a figura, que eu pertendia levantar na idéa ao caracter do Sereniſſimo Principe da Beira. Não me quero demorar em expôr os fortiſſimos argumentos, com que pudera fazer ainda mais palpavel a veroſimilidade do prognoſtico, deduzidos todos da continuada experiencia, que tem a favor das efficacias, que deve á protecção de Bernardo eſte Reino. Vós ſabeis que elles devião miniſtrar-me hum aſſumpto plauſivel para fecundiſſimos diſcurſos: ſou filho, bem que indigno, de Bernardo; e por não parecer ſuſpeito até em referir a meſma verdade ſem encarecimentos, eu me reſolvo a fiar da voſſa erudita comprehenſão quanto deixa em ſilencio o temor de alguma menos noticioſa critica: ſó não a devo juſtamente recear em dizer-vos, que conjecturo quanto dos felices auſpicios, com que naſceo o Sereniſſimo Principe da Beira, diſcorri até agora, que o conjecturo da miſericordia de Deos, que já principia com mão larga a favorecer-nos: nós nella he que temos firmes as noſſas eſperanças. A obra foi daquelle poderoſiſſimo Senhor, que he juntamente Santo em todas as ſuas obras, e por iſſo digna das

mais

mais ſubmiſſas, reverentes, gratificativas admirações: *A Domino factum eſt iſtud, & eſt mirabile in oculis noſtris.* Alegremo-nos pois, ſem pôr termo ao goſto, na noſſa bem fundada eſperança: *Exultemus, & lætemur.* Como a obra he da mão de Deos, elle a deve aperfeiçoar: elle lhe dará o ſeu ultimo complemento, que nós ſincéra, efficazmente deſejamos. Aſſim ſeja, ó Bom Deos, vos pedimos humildemente: *O' Domine, bene p. ſperare.* Aſſim ſeja para conſolação do Rei Fideliſſimo, e Rainha noſſos Senhores, dos Principes Auguſtos, dos vaſſallos leaes. Aſſim ſeja para gloria de Portugal, e principalmente voſſa. Aſſim ſeja para honra perpetua, e louvor ſem fim do voſſo Santo Nome. Nós o louvaremos hoje de boa vontade na terra com os juſtos: nós o queremos louvar no Ceo em companhia dos Anjos, e Santos por todos os ſeculos dos ſeculos. Amen, Amen, Amen. *Te Deum laudamus.*

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

F I M.

20
E16

LICENÇAS.

Da Religião.

Cenſura do M. R. P. M. Doutor Fr. Franciſco de Azevedo, Oppoſitor ás Cadeiras de Theologia da Univerſidade de Coimbra.

REVERENDISSIMO SENHOR.

LEndo, como V. Reverendiſſima me ordenou, eſte Sermão do M. R. P. M. Doutor Fr. Caetano de Sampaio, que agora ſe pertende imprimir, eu me capacitei bem ſer elle huma magnifica producção completa neſte genero. As claras doutrinas ſólidas, as idéas mageſtoſas, o eſtylo ſublime, a bella ſingeleza, e todas as brilhantes qualidades da Oratoria Sagrada, formão neſta hum reſpeitavel prodigio da eloquencia. Ninguem julgo lerá eſte Sermão, que, ſe tiver bom goſto, não procure ver, e ouvir outros muitos de hum Author tão digno. E ſe eu neſte ponto, por parte do bem público, e da gloria da noſſa Congregação, houvera de fallar a V. Reverendiſſima ſem as limitações de hum Cenſor, lembrára os motivos juſtiſſimos, por que os Prelados deſte bom ſubdito ſerião muito agradaveis a Deos, e aos homens, fazendo que elle frequentaſſe o pulpito, e

que

que as meſmas ſuas producçõẽs appareceſſem por meio da imprenſa aos que não tiverão a fortuna de ouvillas recitar. Eu moſtrára não ſer juſto que hum theſouro tão rico ſe occultaſſe na profunda cova da humildade, a pezar de quem ſobre a terra tanto preciſa delle utilizar-ſe. Eu diſſera, que a luz do candieiro brilhante não deve ſer collocada debaixo da modeſtia, que a cobre ſempre, ſim na parte ſublime, onde poſſa illuminar todos os domeſticos da Caſa do Senhor. Eu fizera em fim conhecer, que na eſtimavel peſſoa do P. M. Fr. Caetano de Sampaio ſe obſerva inviolavelmente a Lei, que S. Gregorio lembra aos Prégadores de *illuſtrarem com a vida o que prégando enſinão.* Porém como não he proprio ao miniſterio, que agora occupo, expender largamente eſtas razõẽs, já devo concluir, dizendo a V. Reverendiſſima, que o Sermão he muito digno não ſó de licença, mas de hum formal preceito para imprimi-ſe. Alcobaça, 6 de Março de 1762.

Subdito de V. Reverendiſſima

O Doutor Fr. Franciſco de Azevedo.

21 E16

Cenſura do M. R. P. M. Doutor Fr. Antonio Caiado, Secretario de Sua Reverendiſſima, e Oppoſitor ás Cadeiras de Theologia da Univerſidade de Coimbra.

REVERENDISSIMO SENHOR.

OBedecendo aos reſpeitaveis preceitos de V. Reverendiſſima, li attento o Sermão, que pelo feliz Naſcimento do Sereniſſimo Principe da Beira recitou o M. R. P. M. Doutor Fr. Caetano de Sampaio, e que bem a pezar da ſua religioſa modeſtia, pertende fazer público por meio da eſtampa ſeu benemerito diſcipulo o M. R. P. Fr. Manoel de Mendonça, D. Abbade do Real Moſteiro do Deſterro. E pondo de parte, para deſempenhar a obrigação de Cenſor, as razões de affecto, e amizade, que podião fazer ſuſpeitoſo o meu parecer, digo ingenuamente a V. Reverendiſſima, que eſte Sermão, ſendo hum pequeno raſgo da eloquencia Sagrada, fórma hum corpo de luz, bem capaz de fazer viſivel, e recommendavel a todo o mundo a ſublimidade da materia, e o incomparavel talento do Author. Elle o dá bem a conhecer não ſó no admiravel methodo, com que o ſoube diſpôr, mas tambem na pureza de locução, na força dos argumentos, e na clareza das provas, conſeguindo por modo admiravel, que appareceſſe elegante, ſem ſer affectado, claro, ſem ſer raſteiro, e profundo, ſem ſer eſ-

eſcuro. E pelo que reſpeita á materia, ainda que são notorias, e patentes a Portugal, e a todo o mundo as felicidades, que com o Naſcimento do Principe da Beira naſcêrão á Monarquia Luſitana, o M. R. P. M. as ſoube ponderar com tanta energia, vaticinar com tanto acerto, e pintar com humas cores tão engraçadas, que parece as faz ainda mais plauſiveis: pelo que o julgo muito digno de ſahir á luz. Lisboa, 3 de Março de 1762.

Subdito de V. Reverendiſſima

O Doutor Fr. Antonio Caiado.

VIſtas as approvações dos Padres Meſtres, damos licença para imprimir-ſe o mencionado Sermão. Lisboa, 9 de Março de 1762.

O D. Abbade Geral Eſmoler Mór.

23.
E16

Do Santo Officio.

Cenſura do M. R. P. M. Fr. Franciſco Xavier de Lemos, Qualificador do Santo Officio, &c.

ILL.MOS E REV.MOS SENHORES.

O Sermão, que Voſſas Illuſtriſſimas me mandão ver, recitado no feliz Naſcimento do Sereniſſimo Principe da Beira pelo M. R. P. M. Doutor Fr. Caetano de Sampaio, he huma bem certa conjectura das felicidades, que promette ao Luſo Reino o Naſcimento deſte novo Principe. A doçura do Mellifluo Bernardo, de quem o Author deſte papel he benemerito filho, ſe diffundio com copioſa affluencia para a penna, que o eſcreveo; e como aquella ſuavidade teve a ſua origem na fonte da graça, de que ſe alimentou o meſmo Santo dos Santos, onde tambem bebeo o ditoſo Bernardo, não póde neſta Oração encontrar-ſe doutrina, que não ſeja ſanta, nem couſa diſſonante á Santa Fé: muito mais ſendo eſta obra dedicada a huma principal coluna della, qual he hum meritiſſimo Miniſtro deſſe Santo Tribunal. Quem haveria, que com temerario arrojo ſe atreveſſe a offerecer a hum rectiſſimo Juiz das cauſas da Fé obra, que contiveſſe em ſi couſa contra eſta virtude? Nada ha neſte Sermão, que ſe lhe opponha, nem aos bons coſtumes, e aſſim o julgo digno de ſe dar ao prélo. Eſte o meu parecer, Voſ-

ſas

ſas Illuſtriſſimas mandarão o que forem ſervidos. Lisboa, Convento de S. Domingos, 21 de Março de 1762.

Fr. Franciſco Xavier de Lemos.

VIſta a informação, póde-ſe imprimir o Sermão, que ſe apreſenta, e depois voltará conferido para ſe dar licença que corra, ſem a qual não correrá. Lisboa, 23 de Março de 1762.

Trigozo. *Li*

Do Ordinario.

Cenſura do M. R. Doutor, e Beneficiado Antonio Delgado de Oliveira

EXC.MO E REV.MO SENHOR.

POr ordem de V. Excellencia vi a Oração Panegyrica, que no feliciſſimo Naſcimento do Sereniſſimo Principe da Beira recitou o M. R. P. M. Doutor Fr. Caetano de Sampaio, e admirando nella a grande literatura, profunda eloquencia, vaſtiſſima erudição, e portentoſa fecundidade do engenho de ſeu doutiſſimo Author, não acho couſa diſſonante á noſſa Santa Fé, ou bons coſtumes. Eſte o meu parecer, que em tudo ſu-

23
E16

ſujeito ás acertadiſſimas determinações de V. Excellencia. Lisboa, 29 de Março de 1762.

O Doutor, e Beneficiado Antonio Delgado de Oliveira.

VIſta a informação, póde-ſe imprimir o Sermão, de que ſe trata, e depois torne para ſe dar licença para correr. Lisboa, 29 de Março de 1762.

D. J. Arc.

Do Paço.

Cenſura do M. R. P. M. Fr. Manoel de S. Boaventura, Religioſo Carmelita Deſcalço.

SENHOR.

COrreſponde eſte Sermão ao grande do aſſumpto. Não tiverão os vaſſallos de V. Mageſtade Fideliſſima prazer tão univerſal: buſcárão os meios de explicar o ſeu goſtoſo ſentimento, e forão as acções de graças, que rendêrão a Deos, hum dos que elegêrão com acerto. He o Naſcimento de hum Principe intereſſe público, aſſim como a ſua falta caſtigo, que abrange a todo o Reino. E ſe em qualquer Reino Catholico são os Principes dados por Deos: *Per me Principes im-*

imperant, (1) em Portugal ſe verifica com mais eſpecialidade, pelos motivos, que ninguem ignora. Ao deſempenho deſte aſſumpto tão elevado tem concorrido os mais famoſos Oradores Euangelicos, e entre elles o M. R. P. M Doutor Fr. Caetano de Sampaio, luſtre da eſclarecida Religião de S. Bernardo. Neſte Panegyrico Gratulatorio moſtrou que era adornado de toda a erudição: *Fuit quidem omni genere literarum præditus*, (2) abundantiſſimo de ſentenças: *Creber eſt in ſententiis*, (3) e cheio de ſans, e verdadeiras doutrinas, tem que nada contenha contra o Real ſerviço de V. Mageſtade, que ordenará o que for ſervido. Lisboa, Convento de Corpus Chriſti de Carmelitas Deſcalços, 14 de Abril de 1762.

Fr. Manoel de S. Boaventura.

Faculdade
Ciências
Biblioteca

QUe ſe poſſa imprimir, viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impreſſo tornará á Meza conferido para ſe taixar, e dar licença para que corra. Lisboa, 24 de Abril de 1762.

Carvalho. *Emaús.* *D. Velho.*

BIBLIOTECA
10
MAR.
41
Nº DE REG 2564

(1) Prov. cap. 8. v. 16. (2) Lactant. lib. Inſtit. Divin. lib. 5. cap. 1.
(3) D. Hieron. lib. de Inſtit. Monachi ad Paul.

24
5 14

BIBLIOTECA
MAR